O PROCESSO DE TRANSCULTURAÇÃO EM "RELATO DE UM CERTO ORIENTE" DE MILTON HATOUM

Bruna Wagner (UFMT)[1]
Henrique de Oliveira Lee (UFMT)[2]

Resumo: "Relato de um certo Oriente" (2008), de Milton Hatoum, parte de relatos que ao decorrer do livro reconstrói as memórias de uma série de personagens, que ditam fatos do passado do ambiente da narrativa. Nesta obra somos apresentados aos conflitos de uma família de imigrantes libaneses. É possível observar que existe na trama uma atmosfera multifacetada, marcada por hibridismos entre a cultura local e a dos imigrantes que ali se alojaram. Podemos observar, desta forma, que na narrativa há um processo de transculturação. O presente trabalho busca entender este processo analisando a obra por meio de excertos e da elucubração de teóricos como HALL (2003), BREND (2003), RAMA (2001) e WILLIAMS (1992).
Palavras-chave: Cultura; Transculturação; Milton Hatoum.

Introdução

Vivemos "Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas" (HALL, 2003, p. 84). Nos dias de hoje, falar sobre nossas origens não é algo tão simples como para algumas gerações anteriores. Isso ocorre graças aos cruzamentos entre as mais diferentes culturas que estão ocorrendo na atualidade. Diante deste quadro de "fronteiras dissolvidas", observamos que, além das intersecções culturais ocorrerem no plano físico, elas também se transportam, como decorrência, para o campo literário, resultado do processo de "transculturação" vivenciado por nossa sociedade. Um bom exemplo desse processo transposto para a literatura pode ser observado nas obras do escritor amazonense Milton Hatoum.

De ascendência libanesa, Milton Hatoum, que nasceu na cidade de Manaus em 1952, percorre duas atmosferas culturais dentro de suas obras, entre elas os romances "Dois Irmãos" (2001) e em seu romance de estreia "Relato de um Certo Oriente" (1989), fazendo as vezes de um "atravessador cultural": movimentando-se entre uma cultura e outra dentro do texto, mostrando os entrecruzamentos gerados pelo encontro dos hábitos e tradições amazonense com os libaneses, e vice-versa.

Após conhecermos um pouco sobre esse processo de transculturação e seu produto nas obras de Milton Hatoum surge diante nós os seguintes questionamentos:

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: bruna.wagner.sci@gmail.com.
[2] Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: holiveiralee@gmail.com.

como é feita a intersecção entre as culturas distintas dentro do texto do escritor amazonense? Como são realizados os processos de transculturação entre as culturas? Quais ferramentas são utilizadas para que isso ocorra dentro do âmbito literário? Para respondermos a essas questões adotaremos como base o texto "Relato de um Certo Oriente" (2008), por ser o primeiro romance publicado por Hatoum.

O romance parte dos relatos de uma narradora que, ao decorrer do livro, reconstrói as memórias de uma série de personagens, que ditam a ela fatos do passado do ambiente, pano de fundo do enredo, e das pessoas que pertenciam aquela cena. Hatoum nos apresenta os conflitos, envoltos por um clima de mistério, de uma família de imigrantes libaneses a partir da fala da narradora, que não é nomeada. Durante os desenrolar dos acontecimentos é possível observar que existe na trama uma atmosfera multifacetada, marcada por hibridismos entre a cultura local e a dos imigrantes que ali se alojaram.

Para respondermos a indagação previamente levantada analisaremos a obra através de excertos do romance e da elucubração de teóricos como HALL (2003) para falarmos sobre identidade cultural, BREND (2003) e RAMA (2001) sobre o processo de transculturação e seu emprego no ambiente literário, bem como WILLIAMS (1992) para elucidarmos sobre o conceito de cultura.

O que quer dizer "cultura"?

De acordo com Raymond Williams (1992), o termo "cultura" apresenta suas primeiras definições relacionadas a um "processo", consistindo no ato de cultivar, sendo a criação e a produção de vegetais e/ou animais. Em seguida, o significado de "cultura" foi associado ao "cultivo ativo" da mente, do pensamento humano, e em seguida, "particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do 'espírito' que informava o 'modo de vida global' de determinado povo" (WILLIAMS, 1992, p. 10).

Porém, podemos expandir a acepção da palavra "cultura" para além destas definições. De acordo com Williams (1992), Johann Gottfried von Herder (1784-91), filósofo e escritor alemão, foi o primeiro a utilizar a palavra "cultura" em seu significado plural: "culturas". Ao empregar o termo em seu significativo múltiplo, Herder ampliou os horizontes da palavra com a intenção de afastá-la de seu correspondente no singular, tirando assim qualquer ideia de unilateralidade do termo,

bem como desviando-o do sentido de que uma civilização está isenta de se apropriar de referências externas a ela.

Consoante Williams, o termo em questão é obviamente de difícil definição, porém pode ter maior proveito se encarado "como o resultado de formas precursoras de convergência de interesses" (1992, p. 11). Para ele, há duas posições principais que podem ser destacadas referentes a esse resultado: (a) "idealista" e (b) "materialista". A posição (a), idealista, faz referência a construção da cultura de acordo com um "espírito formador" de um modo de vida global. Sendo este manifesto ao decorrer de diversos âmbitos das atividades sociais de uma comunidade, tento maior evidência em atividades "especificamente culturais" (linguagem, expressões artísticas, produção intelectual). A posição (b), materialista, dá ênfase a "uma ordem social global", ou seja, dentro de uma determinada cultura, o produto das artes e trabalhos intelectuais desenvolvidos por esta são considerados como o resultado "direto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais" (WILLIAMS, 1992, p. 12).

A partir desses dois posicionamentos, a sociologia da cultura entrou na segunda metade do século XX, conforme nos informa Williams (1992), desenvolvendo uma larga gama de atividades embasadas nessas duas posições referentes ao termo em análise. Entretanto, no que diz respeito ao ambiente literário, podemos observar que há uma nova convergência de interesses ser formando em relação ao vocábulo. Como observa Williams:

> Essa possui muitos elementos em comum com (b), em sua ênfase numa ordem social global, mas dela difere por sua insistência em que a "prática cultural" e a "produção cultural" (seus termos mais conhecidos) não procedem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos importantes em sua constituição. Por outro lado, ela participa de alguns elementos de (a), em sua ênfase em práticas culturais como constitutivas (se bem que, hoje em dia, entre outras). Em vez, porém, do "espírito formador" que, afirmava-se, criava todas as demais atividades, ela encara a cultura como o sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada. (WILLIAMS, 1992, p. 12-3)

O "sistema de significações" é produto de um processo de convergência de práticas, ou seja, um agrupamento, reunião de procedimentos que se entrecruzam para a formação de novos produtos. O "sistema de significações" representa aquilo que duas

ou mais comunidades específicas captam e "resignificam" dentro de seus contextos. Segundo, Williams (1992, p. 13) "há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura como 'modo de vida global' distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um 'sistema de significações' bem definido". Esse sistema não é somente essencial para as construções de significação de uma comunidade, mas está envolto em quaisquer formas de atividades sociais que uma população possa desenvolver. Conforme o exposto, podemos observar que desde o princípio da tentativa de definição do termo "cultura" este já se apresentava como um conceito polissêmico, capaz de agrupar em si não só uma, mas várias possibilidades de significação.

A identidade cultural: identificação a partir da ideia de pertencimento

Uma das principais formas com que um povo se reconhece como pertencente a uma determinada cultura consiste na noção de nação. De acordo com Hall, "No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural" (2003, p. 47). Porém, a ideia da existência de uma "identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (HALL, 2003, p. 13). Assim como a noção de cultura, a identidade também sofre uma série de convergências que a afastam de um significado unilateral, principalmente na era moderna em que as fronteiras e territórios se tornam cada vez mais volúveis.

Segundo Giddens (1990 *apud* HALL, 2003), as identidades e as culturas nacionais vêm passando pelo impacto das transformações que estão ocorrendo no tempo e no espaço, "o que ele chama de 'desalojamento do sistema social' – a 'extração' das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo" (HALL, 2003, p. 15-6), ou seja, a retirada de uma população de costumes e cultura próprias e sua realocação em um cenário espacial e temporal diferentes daqueles aos quais ela estava habituada.

Hall (2003, p. 48) defende o seguinte argumento ao falar sobre as identidades nacionais: "as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*". De acordo com a afirmação, nós apenas sabemos o que significa pertencer a um determinado lugar ou nação pois nos foi apresentado o modo como cada uma destas são representadas ou o conjunto de significados que fazem menção a uma certa coletividade. Ainda de acordo com Hall (2003, p. 49), "a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz

sentidos – *um sistema de representação cultural*", isso significa que "As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação como representada em sua cultura nacional" (HALL, 2003, p. 49).

As identidades nacionais são construções, erguidas no plano simbólico e firmadas a partir do discurso de seus membros. Em resumo, podemos utilizar a expressão cunhada por Benedict Anderson (1983) para nos referirmos a identidade nacional: "comunidade imaginada" (HALL, 2003, p. 51). "Anderson argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas" (HALL, 2003, p. 51). De acordo com Hall:

> Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas "geografias imaginárias" (Said, 1990): suas "paisagens" características, seu senso de "lugar", de "casa/lar", ou heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes. (HALL, 2003, p. 71-2)

As flexibilizações nos sentidos de muitos termos que utilizamos para falarmos sobre nós mesmo, nossa comunidade e o lugar ao qual pertencemos, como elucidado anteriormente, são resultado da modernidade e do processo de globalização. Segundo Hall "A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão do espaço-tempo" (HALL, 2003, p. 80-1). Ou seja, da dissolução das fronteiras territoriais e pelo fenômeno migratório. A migração ocorre principalmente pela busca de condições melhores de vida, mas também pode ser influenciada por outros diversos fatores.

O fenômeno migratório proporciona o entrecruzamento, o choque, entre culturas distintas. Resultante desse encontro novas identidades culturais passam a emergir. Segundo Hall (2003), essas novas identidades não são fixas, flutuam em um processo de "transição". Consoante Hall (2003), pensar no desaparecimento das identidades na era da globalização por meio da assimilação e da homogeneização das culturas, ou, por outro lado, de um retorno total as suas "raízes" é um falso dilema, pois há a possibilidade da "Tradução".

De acordo com Hall (2003), o conceito de Tradução se refere aquelas formações identitárias que transpassam, atravessam e intercruzam as fronteiras naturais. Esse termo descreve o resultado das experiências vividas por aquelas "pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal" (HALL, 2003, p. 88). Esses indivíduos possuem ainda fortes laços com seus lugares de origem e também com suas tradições, porém, no novo ambiente em que se encontram, não há espaço para a ilusões de um retorno ao passado.

Na Tradução os indivíduos carregam consigo os traços mais fortes de suas culturas de origem, sejam eles as tradições, a linguagem ou as histórias de vida pelas quais um determinado grupo é marcado. Entretanto, segundo Hall (2003), existe uma diferença significativa com aqueles povos que permaneceram no "local de origem". Populações que atravessa o mecanismo de Tradução nunca serão "*unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas' (e não a uma 'casa' particular)" (HALL, 2003, p. 89). Dessa forma, pensar num total desaparecimento ou numa completa reestruturação de identidades culturais é uma utopia. Por meio do "Tradução" diversas culturas se entrecruzam e o resultado disso é o surgimento de novas possibilidades, novas formas culturais e identitárias. A própria mescla entre diferentes tradições, línguas, costumes e hábitos distintos é uma rica matéria para a produção de conhecimento.

O processo de transculturação

As "novas diásporas" tornaram as culturas cada vez menos impenetráveis. Mesmo que uma população que se deslocou de seu local de origem tente manter sua cultura "pura", ela não obterá sucesso nesse propósito. Como salienta Brend (2003, p. 17), "A repetição pura e simples não existe. Mesmo no modelo da continuidade, no qual, segundo Bouchard (2000), as coletividades têm tendência a 'reproduzir de modo idêntico' as matrizes culturais das metrópoles, há transgressão, desvio, deslocamento [...] dos modelos".

De acordo com Brend (2003), a partir do momento em que um determinado "modelo" é modificado, como, por exemplo, no instante em que uma cultura entra em contato com outra distinta e dá origem a algo novo, elas se encontram no "espaço transcultural", ou, inseridas dentro da "operação transcultural". Consoante Brend (2003,

p. 18), mesmo que esses "procedimentos de criação do novo a partir de elementos culturais de origens diversas" aconteçam desde o princípio dos choques iniciais entre culturas distintas, a teorização desses fatos acontecerá somente em 1940. Neste ano, o antropólogo cubano Fernando Ortiz, observa que:

> quando há choque de culturas, transição e ou passagem de uma cultura a outra, não há unicamente perdas, apagamentos ou apropriações; há também criação de novos produtos culturais. O processo em seu conjunto é o que caracteriza a transculturação, onde as trocas se fazem nos dois sentidos e geram uma cultura híbrida original e inacabada. (BREND, 2003, p. 18)

A partir do choque de diferentes culturas novos discursos e novas possibilidades de conhecimento foram surgindo. De acordo com Brend, "As operações transculturais criam condições favoráveis à emergência de novos lugares de enunciação em oposição a um pensamento eurocentrista e etnocêntrico que, durante longo tempo, considerou as metrópoles como sendo o único lugar abalizado de enunciação" (2003, p. 20). Ainda consoante Brend (2003), podemos afirmar que, com as novas possibilidades de significação criadas a partir da modernidade, como a hibridação cultural, podemos encontrar "processos de transculturação" que situam os sujeitos entre, no mínimo, "dois mundos, duas culturas, duas línguas e duas definições de subjetividade, realizando vaivéns constantes entre elas" (BREND, 2003, p. 23). Essas populações dispõem de grande material para construção de novos conhecimentos. Dessa forma, o que ocorre a partir do processo de transculturação é a criação de um novo produto, uma nova "cultura híbrida e inacabada".

Sendo a literatura um dos principais veículos de manifestação e divulgação das/nas culturas, observamos que os autores pertencentes a ambientes transculturados expõem em suas narrativas as características de seu meio, mostrando aos leitores as intersecções entre duas ou mais culturas as quais aqueles escritores pertencem. Isso acontece, por exemplo, com o autor escolhido para exemplificarmos o processo de transculturação dentro do ambiente literário, Milton Hatoum. Ao transportar para seus textos as duas realidades a que pertence, Hatoum transforma suas obras em veículos de estudo para as questões relacionadas ao processo de transculturação.

"Relato de um Certo Oriente": Transculturação no ambiente literário

Transculturação é a palavra para o processo que envolve o encontro, choque, entre duas ou mais culturas. Brend (2003, p. 22-3) afirma que, o prefixo "*trans*" do vocábulo nos remete a ideia de "para além de", o que marca a passagem ou a mudança, a transição, a transformação, o transversal, o oblíquo, etc.", nos dando uma noção de "travessia". Sendo assim, dentro do âmbito literário, ainda de acordo com Brend (2003), os autores são os mecanismos que transmitem esses encontros culturais, são "*passeurs*", "atravessadores" de sentidos, que ultrapassam as fronteiras territoriais e culturais de determinadas populações. Em "Relato de um Certo Oriente" Milton Hatoum faz as vezes de um "*passeur*", transitando entre duas atmosferas culturais e as interconectando dentro da narrativa.

Segundo Brend (2003), o termo cunhado por Fernando Ortiz é revisitado por Ángel Rama que desenvolve uma fértil teoria a respeito da transculturação no âmbito literário narrativo latino-americano. Rama, a partir da análise de obras de diversos escritores latino-americanos, conclui que a produção ficcional deste continente "não é caudatária nem da cultura vencedora nem da cultura vencida; ela constitui uma terceira margem que não existia antes" (BREND, 2003, p. 19). Ángel Rama viu nos textos destes escritores uma "recuperação do maravilhoso mítico americano" que reflete a origem de uma "cultura proliferante", uma nova identidade cultural que se estabelecia a partir de uma zona de fronteira, coletando e praticando dados de duas culturas, "através de dispositivos de destruição, absorção e reafirmação" (BREND, 2003, p. 19).

Diferentes ações compõem o processo de transculturação, "tentemos ver como se manifestam em uma obra literária de gênero narrativo. Lembremos que isso implica, em primeiro lugar, uma 'parcial desaculturação', que pode mostrar graus muito diferentes e afetar várias áreas do exercício literário" (RAMA, 2001, p. 218). É preciso observar que, como afirma Rama (2001), não podemos medir com exatidão alcance do processo de transculturação dentro de uma obra se não levarmos em consideração "os elementos que sobrevivem e inclusive os que se acrescentam, todos provenientes da cultura original, de tal modo que 'desaculturação' não é avaliável sem sua paralela 'reaculturação', ou seja, a intensificação de propostas internas, identificadoras de uma cultura" (RAMA, 2001, p. 218).

Dessa forma, de acordo com Rama (2001, p. 218), somente com a análise dessas duas variáveis poderemos chegar a "medir o esforço de 'neoculturação' por absorção de

elementos externos de uma cultura modernizada". Dito isso, podemos partir para a análise dos excertos da obra de "Relato de um Certo Oriente" para identificarmos os mecanismos que transitam dentro do processo de transculturação presente no romance. "Seria composta, assim, uma figura em que as duas forças confrontadas geram três focos de ação que se conjugam de modo diferente" (RAMA, 2001, p. 218): destruição, reafirmação e absorção.

Percebemos que ao decorrer da narrativa de "Relato de um Certo Oriente" o autor utiliza artifícios, como a linguagem local do estado do Amazonas, hábitos e tradições da cultura libanesa, a culinária e alimentos típicos tanto da cultura amazônica quanto da do Líbano, para fazer uma mescla entre os dois contextos culturais diferentes, unindo-os em um único e novo ambiente cultural. Milton Hatoum transita entre os dois meios, e, ao longo do texto, nos mostra que as características próprias do ambiente de recepção, o Amazonas, e as dos receptores, os imigrantes libaneses, confundem-se, alternam-se, apresentando, assim, seu processo de transculturação.

Podemos notar dentro da narrativa, num primeiro momento, o mecanismo de "travessia" utilizado por Milton Hatoum, que nos é apresentado, conforme a fala da narradora que dá voz ao texto, por meio das mesclas culturais presentes nas lembranças da terra natal dos personagens e seu cruzamento com características ambientais semelhantes presentes no novo contexto em que a família de imigrantes se encontra. A intersecção entre os dois ambientes nos dá a ideia de um terceiro espaço no qual convivem tanto as semelhanças entre os dois territórios, quanto as diferenças entre ele. Dessa forma, lembrando que o novo local é e não é ao mesmo tempo o "lar" desses imigrantes. Podemos observar esse encontro de ambientes no seguinte trecho do romance:

> [...] Se algo havia de análogo entre Manaus e Trípoli, não era exatamente a vida portuária, a profusão de feiras e mercados, o grito dos mascates e peixeiros, ou a tez morena das pessoas; na verdade, as diferenças, mais que as semelhanças, saltavam aos olhos dos que aqui desembarcavam, mesmo porque mudar de porto quase sempre pressupõe uma mudança na vida: a paisagem oceânica, as montanhas cobertas de neve, o sal marítimo, outros templos, e sobretudo o nome de Deus evocado em outro idioma [...]. (HATOUM, 2008, p. 24)

No processo de transculturação presente em “Relato de um Certo Oriente” existe uma das características primordiais que corroboram para a confirmação do encontro cultural presente no texto: a reafirmação, a busca pela manutenção das tradições, hábitos e memórias “originais” de uma população. Podemos observar que no romance de estreia de Milton Hatoum existe em diversos momentos uma “reimersão” na cultura “original”. Rama (2001, p. 215) salienta que, “Para um criador literário, trata-se exclusivamente de puras operações artísticas, mas nelas está implícita uma prévia proposição cultural, resultado do conflito que toda uma coletividade está vivendo”. No romance em análise, podemos observar essa busca as lembranças da tradição de origem em diversos trechos, como, por exemplo, nestes a seguir:

> – Lembram como fazia Emilie? – disse tio Hakim, sorvendo o último gole de café. – Ela pedia para que todos emborcassem a xícara na bandeja, e depois examinava o fundo de porcelana para decifrar no emaranhado de linhas negras do líquido ressequido o destino de cada um [...]. (HATOUM, 2008, p. 27)

Ao eleger três elementos essenciais para que as culturas atravessem o processo de transculturação (destruição, reafirmação e absorção), Ortiz deixa de levar em consideração que as culturas que entram em choque não necessariamente absorvem totalmente elementos culturais ou destroem outros, há também, no meio desses cruzamentos, negociações entre as culturas. Portanto, são feitas mesclas, adaptações entre elementos da cultura de origem com elementos da nova cultura em que as populações estão envoltas. Essas negociações e criações a partir de elementos pré-existentes caracterizam a “plasticidade cultural”, “uma vez que esse estado certifica a energia e a criatividade de uma comunidade cultural” (RAMA, 2001, p. 264).

Em “Relato de um Certo Oriente” podemos observar a existências de negociações em diferentes momentos da narrativa. Segundo Rama (2001, p. 264), uma comunidade que apresenta o estado de “plasticidade cultural” é um elemento vivo, aberto, que realiza um processo de seleção entre os dados da cultura de origem e da do novo ambiente em que está inserida, inventado e combinando subsídios adequados “à autonomia do próprio sistema cultural”. Observamos essa mescla e combinação de elementos quando, ao prepararem a “Parisiense” para a festa de natal, os imigrantes combinam elementos locais com as tradições de sua cultura originária.

Para que o texto tenha uma consistência e seja compreensível, os transculturadores necessitam fazer escolhas narrativas que comportem a transmissão daquilo que eles propõem comunicar para o leitor. No caso de um ambiente que passa pelo processo de transculturação, o convívio com duas ou mais línguas é frequente. Dentro do processo de transculturação no âmbito da literatura, a escolha por uma linguagem literária homologante se torna peça fundamental. Hatoum opta por desenvolver uma linguagem unificada, literária, que estabelece o contato entre as culturas. No romance, Hatoum cita que os imigrantes convivem com dois lugares linguísticos diferentes, um na sociedade amazonense e outro na intimidade do lar, como podemos observar no seguinte trecho: "Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense. E às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas [...]" (HATOUM, 2008, p. 46).

Apesar das negociações entre as culturas do Líbano e do Amazonas dentro da obra de Milton Hatoum, existem também pontos, características e costumes que não são aceitos, tanto por parte de habitantes do Amazonas, quanto pelos imigrantes libaneses. Esse processo atravessa uma via de mão dupla, em que, determinados hábitos, costumes e tradições das duas ou mais culturas envolvidas passam por um procedimento de seleção, em que receptores e doadores classificam aquilo que pode ou não ser incorporado nas culturas envolvidas. Podemos observar reflexos desse processo em diferentes pontos da narrativa de Milton Hatoum.

Alberto Moreiras (2001, p. 234 *apud* BREND, 2003, p. 20), outra voz crítica sobre a transculturação, ao revisitar as reflexões de Rama sobre o termo, afirma que, mesmo o conceito exercendo um papel de grande relevância o autor "lembra que se trata de um modelo que apaga e neutraliza tudo que ele não pode comportar e agenciar". Brend (2003) corrobora com a afirmação de Moreiras e ressalta que o teórico nos "chama a atenção para o fato de que nos processos transculturais há inclusão, apropriação, mas há também censura, exclusão e eliminação de um certo número de fatos culturais e eleição privilegiada de outros" (BREND, 2003, p. 20). Podemos perceber a recusa da comunidade receptora por certos costumes da comunidade doadora no seguinte trecho de "Relato de um Certo Oriente":

> Tio Emílio fazia as compras, matava e destrinchava os carneiros, torcia o pescoço das aves e passava-lhes a lâmina no gogó para que o

> sangue esguichasse com abundância, como exigia meu pai. Só uma vez que utilizaram outra prática para matar os animais. Consistia em embriagar as aves e torcer-lhes o pescoço para que vissem o mundo já embaçado girar como um pião. [...] "Esse martírio só pode ser obra de cristão", proferia meu pai, sabendo que Hindié já fizera isso em outras casas e que era uma prática bastante difundida na cidade. (HATOUM, 2008, p. 32)

Diante o exposto, pudemos notar os mecanismos presentes dentro do romance "Relato de um Certo Oriente", que fazem com que a narrativa se desenrole em um ambiente "transculturado". Fomos apresentados aos diferentes aspectos que fazem com que uma ou mais culturas sejam consideradas como estando inseridas dentro do processo de transculturação. Dessa forma, mediante a análise dos excertos do romance de estreia do escritor amazonense Milton Hatoum, somos capazes de responder como ocorre o processo de transculturação na narrativa: por meio da elucubração de uma cultura receptora e outra doadora, em que ambas passam por um processo de transculturação a partir da adoção, seleção, negociação, recusa ou mescla de hábitos, costumes e tradições; e também pela eleição de uma "linguagem literária homologante", que tem por objetivo primeiro mostrar as intersecções culturais de forma clara e inteligível.

Referências

BREND, Zilá. Americanidade e transferências culturais. Porto Alegre: Movimento, 2003.

HATOUM, Milton. Relato de um Certo Oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-modernidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

RAMA, Ángel. Literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.